



AGRICULTORAS E COOPERATIVISMO: POR OUTRA CONCEPÇÃO DE CAMPO

Aline de Oliveira Andrade¹
Ana Lícia de Santana Stopilha²

INTRODUÇÃO

O histórico do Brasil revela o processo de exploração dos meios naturais, da escravidão e exploração do trabalho para a obtenção de vantagens. Nesse contexto o meio rural tem passado por transformações, conforme as mudanças ocorrem na sociedade o campo é atingido, seja na produção, na educação, na cultura, entre outros aspectos. Desse modo, Pinto e Oliveira (2013) analisam que a partir do sistema capitalista

O Estado passa a desenvolver políticas guiadas a lógica da financeirização, pautado na transformação da agricultura tradicional em agricultura química capitalista, intensificando o processo de desterritorialização dos camponeses. Assim, as políticas neoliberais acabam acelerando o processo de industrialização da agricultura que nada mais é do que a penetração do capital no campo, beneficiando sempre o latifundiário. (PINTO; OLIVEIRA, 2013, p. 3)

O campo concebido a partir do modelo capitalista é o que fomenta e fortalece o agronegócio, transforma a educação em mera reprodução que prepara mão de obra barata, além da propagação da ideia que o bom é o urbano, assim, a vida na zona rural não faz sentido, é algo ultrapassado. Desse modo, “o capitalismo penetrar diretamente no mercado de terras, transformando-as em ativo mercantil completamente ajustado às necessidades da expansão da produção de *commodities*, [...]”, conforme apresenta Delgado (2012, p.125).

Estamos falando das sociedades ocidental-capitalistas que dominaram o

1 Discente do Programa de Mestrado Profissional em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Aluna da Especialização em Gestão Estratégica e Negócios, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Endereço eletrônico: a19andrade@hotmail.com

2 Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Atualmente é Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Brasil. Endereço eletrônico: stopilha@hotmail.com



mundo nos últimos quinhentos anos e do modo industrial de apropriação da natureza que se instituiu, a partir da Revolução Industrial, no final do século XVIII e viabilizou enorme aceleração do processo de acumulação de capital, (SILVA, 2012, p.731).

O processo de crescimento da indústria impactou nas relações trabalhistas a ponto de se tornar um marco entre campo e cidade. Nesse processo, muitas pessoas migraram do campo para as cidades na tentativa de uma oportunidade, uma vez que muitos trabalhavam como meeiros ou arrendatário. A falta de condições apropriadas no campo levou alguns camponeses a venderem suas terras e buscarem por melhorias. O próprio sistema capitalista utilizava de ações perversas para a desapropriação dos camponeses das suas terras, conforme sinaliza Marx (2002) no livro *O Capital*, quando discute sobre a acumulação primitiva.

Partindo da realidade que é fecundada pelo capitalismo apresenta-se, neste resumo, uma pesquisa em andamento que pretende ser uma alternativa de trabalho e valorização do campo que vai de encontro ao ideário exposto. O público desta pesquisa são grupos de agricultoras da zona rural de Valença (BA) que estão juntas em processo de regulamentação de uma cooperativa de produção denominada Cooperativa de Mulheres Agricultoras Familiares e Economia Solidária (COOMAFES).

Esses grupos se aproximaram no ano de 2015 a partir da Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária organizada pela Prefeitura de Valença e parceiros. Desde então, as mulheres de treze comunidades (Agosto, Aldeia de São Fidelis, Baixão, Derradeira, Formiga, Gereba, Gervásio, Jequiriçá, Km 2, Orobó, Riachão da Serra, Saruê e Una Mirim) uniram-se formando um único grupo de agricultoras a fim de fortalecer sua produção e o processo de trabalho da cooperado com base na economia solidária.

Conforme a Lei Federal 5.764/71 no Artigo. 4º “as cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades (...)”. A COOMAFES está em processo de regulamentação da documentação, porém as cooperadas já se organizaram em relação ao estatuto e constituição da diretoria. Assim, tal iniciativa também encontra respaldo na Lei Estadual 11.362/09, que institui a Política Estadual de Apoio ao Cooperativismo.

Desta forma, pretende-se identificar como uma Cooperativa de produção, formada por agricultoras, pode colaborar para outra concepção de Campo. Neste sentido, o presente trabalho objetiva descrever os processos de organização e trabalho cooperado da COOMAFES como estratégia de fortalecimento de uma concepção de



campo. Compreendendo o campo como espaço geográfico composto por camponeses (as), agricultores (as), pescadores (as), marisqueiras, ciganos (as), indígenas, ribeirinhos (as), e caiçaras entre outros povos ainda e, articulando-se ainda, com movimentos sociais que possuem sua luta vinculada ao campo e seus moradores.

METODOLOGIA

Conforme Minayo, dentre outras definições, metodologia pode ser compreendida “como a discussão epistemológica sobre o ‘caminho do pensamento’ que o tema ou o objeto de investigação requer” (2007, p. 44). Deste modo, o presente trabalho tem como campo de pesquisa o município de Valença, trata-se de uma pesquisa com a abordagem qualitativa, de natureza aplicada, que tem como metodologia a pesquisa-ação. Segundo Fonseca:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

Desse modo, o autor ainda argumenta que “o pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram [...]”, (FONSECA, 2002, p.

35). Ainda conforme Gil (2007, p. 17), a pesquisa ação pode ser compreendida como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

Sendo assim, os instrumentos foram aplicados no intuito de conhecer como uma cooperativa de produção pode contribuir para a construção do conceito campo. Desse modo, utilizou-se a observação participante e a roda de conversa. Esses instrumentos foram aplicados entre o ano de 2016 a março de 2017, nas reuniões cuja finalidade era o planejamento para entrega de produtos; padronização dos produtos; elaboração de



estratégias para participação nos espaços de comercialização, organização da feira e em eventos, e cursos de atendimento ao público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização e união das mulheres geraram conquistas e a perspectiva é alcançar é solucionar problemas e suprir demandas do grupo. Sendo assim, destacam-se alguns resultados que contribuem para o fortalecimento do vínculo com o campo. A lida e o cuidado com a terra possibilitam a geração de produtos sem o uso descontrolado de agrotóxico e fertilizante, bem como, o respeito ao tempo de plantação e o descanso da terra. O trabalho em conjunto gera alimentos para suas mesas e para a região onde vivem, além disso:

Os saberes e as experiências de produção vivenciados pelas famílias camponesas são referenciais importantes para a reprodução de novos ciclos produtivos; (...) O uso da terra pode ocorrer de maneira direta pela família, em parceria com outras famílias vizinhas ou parentes, em coletivos mais amplos ou com partes do lote arrendados a terceiros; (...) Na racionalidade das empresas capitalistas, a única referência é o lucro a ser obtido. E, de maneira geral, o lucro é encarado independentemente dos impactos sociais, políticos, ambientais e alimentares que ele possa provocar. (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 29)

Com o envolvimento de toda família entende-se a participação de diferentes gerações, o que fomenta o vínculo com a agricultura e possibilita a construção e/ou troca de saberes, fortalecendo assim o vínculo com a terra e o pertencimento ao campo. A partir do que é produzido no campo as mulheres comercializam *in natura* (a exemplo de folhas de tempero, raízes e frutas), ou utilizam desses produtos para produção de doces, lanches e sobremesas (cocadas, sucos, caldos, sequilhos, bolos, dentre outros).

a lógica da unidade de produção camponesa é alicerçada na centralidade do trabalho, por isso os níveis de intensidade e desenvolvimento da incorporação e inovação tecnológicas dependem criticamente da quantidade e qualidade do trabalho; o processo de produção é tipicamente fundado numa reprodução relativamente autônoma e historicamente garantida, e o ciclo de produção é baseado em recursos produzidos e reproduzidos durante ciclos anteriores (PLOEG, 2008, p. 60-61 CARVALHO; COSTA, 2012, p.30)



Assim, a plantação e/ou produção ocorre em conjunto, entre familiares ou entre as próprias cooperadas nas suas comunidades.

As agricultoras conquistaram, também, dois espaços para comercialização, assim, além da Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, elas gerenciam a Loja Solidária, localizada no centro da cidade de Valença, que oferece produtos artesanais e da agricultura familiar produzidos no Território do Baixo Sul da Bahia. O terceiro local, de exposição e venda dos produtos, é a cantina da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XV*, este espaço foi cedido através da parceria firmada entre o grupo de agricultoras e o Projeto de Pesquisa e Extensão Maria Camponesa vinculado ao *Campus XV*.

Os espaços de comercialização demandam das agricultoras autogestão, maior padronização dos produtos (peso, tamanho, cor, sabor, uso de etiquetas, entre outro) e organização para produzi levando em consideração a demanda de venda. Esse processo de produção demanda articulação e planejamentos, notou-se que as agricultoras se preocupam uma com as outras, buscam maneiras para que todos os grupos produzam e estejam envolvidos em nos espaços, sem perder o vínculo com o campo e a agricultura.

O processo de produção de mercadorias na agricultura está sujeito ao regime natural das fases adequadas de plantio e colheita, e aos tratos culturais. Diferentemente dos processos produtivos na indústria, o período de produção é descontínuo, e o trabalho humano se ajusta aos ritmos naturais de absorção da energia da fotossíntese. Isso impõe um ritmo e uma forma de produzir mercadoria essencialmente dependentes dos recursos da natureza, algo que também é distinto dos processos urbano-industriais (DELGADO, 2012, p. 125).

Conforme Delgado apresenta o modo de produção agrícola vai de encontro as exigências do capitalismo, combatendo assim, o desapego pelo campo. É notório vínculo estreito delas com a terra, o cuidado na plantação e o respeito aos costumes e tradições.

As parcerias e articulações com instituições presentes no município foram um dos resultados mais expressivos, pois através das relações construídas pelas agricultoras que compõem a COOMAFES, além dos espaços, elas estão construindo inconscientemente uma referência de fortalecimento da agricultura para outras cidades e associações, além de colaborar para pesquisas nessa área e futuras fontes de referências. Assim, elas participam, em outros municípios, de eventos e reuniões que discutem sobre agricultura familiar, cooperativismo e políticas públicas para o campo.



CONCLUSÃO

No tocante ao campo, é possível perceber, a partir dos resultados da pesquisa em andamento, mudança nas práticas de plantio e produção de derivados das próprias agricultoras que procuram, a

Cada dia, aproximarem-se de uma consciência de alimentação saudável. Esta visão promove, nos lugares onde as mesmas comercializam, uma mudança de hábitos levando aos consumidores à reflexão sobre a relevância da agricultura familiar.

Conclui-se que o alargamento das possibilidades de inclusão social e visibilidade das agricultoras através do trabalho coletivo e da formação de redes com Universidades, incubadoras, órgãos do governo e outras parcerias foram imprescindíveis para o fomento da melhoria produtiva e comercial destas agricultoras e a compreensão da concepção de campo tanto para as mesmas quanto para os parceiros.

Palavras-chave: Agricultoras. Trabalho. Cooperativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal 5.764/71. **Política Nacional de Cooperativismo**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm>. Acessado em 14 de abr. de 2017.

_____. Lei Estadual 11.362/09. Política Estadual de apoio ao Cooperativismo. Disponível em: <<http://coopera.agr.br/lei-113622009.html>>. Acessado em 14 de abr. de

2017.

CARVALHO, Horacio Martins de; COSTA Francisco de Assis. Agricultura Familiar. In: **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. Cap. 1, p. 28 – 34.

DELGADO, G. Capital. In: **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. Cap. 3, p.123 –



127

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: Livro 1, Vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Tradução de Reginaldo Sant'Anna, 2002. (Capítulos selecionados)
In: www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap1.htm. Acesso em 29. de mar. 2017

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

OLIVEIRA, Alberlene R. de; PINTO, Josefa Eliane S. de S. AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E O MODO DE VIDA CAMPONÊS: (des) territorialidade no município de Poço Verde/SE. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 1, Abril/2013 p.197-214, Ano 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/18775/13920>>. Acessado em 17 de abr. de 2017.

SILVA, E. M. Sustentabilidade. In: **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. Cap. 18, p. 730 – 734